



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/PROFISAUD>

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE

UNIVERSITY EXTENSION IN OCCUPATIONAL HEALTH WITH HEALTH
PROFESSIONALS

EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN SALUD OCUPACIONAL CON
PROFESIONALES DE LA SALUD

Thaís Augusta Cunha de Oliveira Máximo¹

Tatiana de Lucena Torres²

Eduardo Breno Nascimento Bezerra³

Pablo de Araújo Cruz⁴

Gabriela Bayma Remos Fernandes⁵

Clemida Noberto da Silva⁶

Wirnia Roberta Vasconcelos Costa⁷

Recebido 01/06/2024	Aprovado 03/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: O objetivo deste artigo é compartilhar práticas de intervenção em saúde do trabalhador e saúde mental junto a profissionais da saúde de um Hospital Universitário do Nordeste do Brasil. A base teórico-metodológica utilizada foi a Ergologia. Participaram das ações, trabalhadores de diferentes vínculos e setores do hospital. Por meio de intervenções individuais e coletivas, buscamos uma compreensão do trabalho real, além de acessar as dimensões subjetivas da atividade. A partir dessas ações, conseguimos mobilizar um resgate dos coletivos de trabalho que estavam fragilizados e um processo de

¹Professora do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

²Professora do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

³Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

⁴Graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba.

⁵ Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade Federal da Paraíba.

⁶Graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba.

⁷Graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

elaboração dos sofrimentos dos trabalhadores, reposicionando-os mediante à organização, ao coletivo e à atividade de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde do Trabalhador; Psicologia do Trabalho; Saúde Mental

ABSTRACT: The objective of this article is to share intervention practices in occupational health and mental health with health professionals at a University Hospital in the Northeast of Brazil. The theoretical-methodological basis used was ergology. Workers from different sectors and with different types of ties to the hospital participated in the actions. Through individual and collective interventions, we seek an understanding of the real work, in addition to accessing the subjective dimensions of the activity. From these actions, we were able to mobilize to rescue the work collectives that were weakened and a process of elaborating the worker's sufferings, repositioning them through the organization, the collective and the work activity.

KEYWORDS: Occupational Health; Work Psychology; Mental Health.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es compartir prácticas de intervención en salud ocupacional y salud mental con profesionales de la salud de un Hospital Universitario en el noreste de Brasil. La base teórico-metodológica utilizada fue la ergología. A través de intervenciones individuales y colectivas buscamos una comprensión del trabajo real, además de acceder a las dimensiones subjetivas de la actividad. A partir de estas acciones, pudimos movilizar el rescate de los colectivos de trabajo debilitados y un proceso de elaboración de los sufrimientos de los trabajadores, reposicionándolos a través de la organización, el colectivo y la actividad laboral.

PALABRAS CLAVE: Salud Ocupacional; Psicología del Trabajo; Salud Mental.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compartilhar experiências de um projeto de extensão universitária desenvolvido no campo da saúde do trabalhador, que vêm sendo realizado desde 2022 em um Hospital Universitário de uma capital do Nordeste. Nosso intuito a partir das ações desenvolvidas é mobilizar a reflexão dos trabalhadores e trabalhadoras do hospital a respeito da relação entre saúde, trabalho e doença, incentivando o desenvolvimento do papel ativo



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

dos profissionais mediante seu espaço de atuação, e desencadeando uma autorreflexão sobre a saúde mental e os fatores relativos à organização e condições de trabalho que podem trazer implicações ao processo de adoecimento. Nesse sentido, buscamos atuar na prevenção, promoção e cuidado à saúde mental dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS), tanto numa perspectiva individual, quanto na perspectiva interpessoal e organizacional, tendo em vista que compreendemos o trabalho a partir de seus múltiplos atravessamentos, numa dimensão micro e macrossocial.

Dentro do contexto da pandemia da covid-19, os processos convencionais de saúde e segurança no trabalho, bem como as práticas fundamentadas nos princípios da saúde do trabalhador, foram revisitados no enfrentamento das demandas impostas pela nova situação de crise. No contexto pós-pandêmico também se faz necessário visualizar e intervir no impacto psíquico sofrido pelos trabalhadores da saúde dada a exposição à ambientes deletérios (Baptista et al., 2022; Teixeira et al., 2020)

Souza (2021) aborda a temática ao associar o contexto pandêmico com o adoecimento psíquico dos trabalhadores da saúde, enfatizando o conjunto de repercussões que já ocorriam originalmente pela precarização do trabalho e que ganharam amplitude com a covid-19, sobretudo para aqueles que estavam na linha de frente do combate, contribuindo para que esses trabalhadores se encontrem em um contexto de enorme penosidade.

Em revisão da literatura realizada por Bezerra et al. (2020), demandas de saúde mental foram identificadas a partir do trabalho dos/as profissionais de saúde durante o enfrentamento da covid-19. Dentre as principais apontadas entre os/as trabalhadores/as da saúde, segundo o estudo, estavam a depressão, ansiedade, angústia, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), distúrbios do sono, síndrome de Burnout e Transtorno Compulsivo



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Obsessivo (TOC). Souza et al. (2021) também indicou importante prevalência de depressão, ansiedade, insônia e estresse que ressaltam a necessidade de estabelecer medidas para a promoção da saúde dos trabalhadores da saúde que se encontram em vulnerabilidade em período posterior à pandemia, de modo a garantir o direito à saúde por meio de ações de promoção, prevenção e vigilância em saúde.

Tendo em vista o cenário supracitado, Monteiro et al. (2023) destacam a exigência de um saber crítico que entenda o trabalho como um campo que é integrado por exigências sociais, requisitos em suas finalidades e atividades reguladas, que por mais prescritas que sejam, possuem execuções distintas e aplicadas em contextos diversos, resultando na singularidade de experiências, que possuem a possibilidade de semelhanças.

Ao investigar as implicações práticas transpassadas pelas atividades laborais do contexto hospitalar durante a pandemia da covid-19, Máximo et al. (2023) endossam que para além de uma mudança contextual onde foram necessárias modificações em hábitos e rotinas, se tratou de um momento carregado de uma grande insegurança acerca da própria saúde e da saúde dos familiares. Esse sentimento de insegurança se une a situações de trabalho pouco assistidas, a angústia da perda e a diversas situações que envolveram os sujeitos na sua atuação e sucederam consequências na saúde mental dos trabalhadores.

As intervenções que discutimos neste texto, são fruto de um longo percurso de aproximação e atuação do nosso grupo de pesquisa no campo da saúde dos trabalhadores da saúde, que se fortalece justamente no contexto da pandemia, a partir do tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão). No ano de 2020 iniciamos uma pesquisa multicêntrica, a nível de Nordeste, sobre a saúde e segurança no trabalho para profissionais que atuaram ou estavam



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

atuando no enfrentamento à covid-19 e nos deparamos com uma realidade de muito sofrimento psíquico e poucas ações voltadas à saúde mental desses trabalhadores (Máximo et al., 2023; Gondim et al., 2024). Nesse sentido, ficamos mobilizados em desenvolver ações efetivas de prevenção e promoção em saúde mental no trabalho, para essa parcela de profissionais que foi diretamente afetada pela covid-19.

Nesse mesmo período, fomos demandados pela unidade de saúde ocupacional do próprio hospital, enquanto grupo de pesquisa e universidade, a realizar ações voltadas à saúde mental dos profissionais, tendo em vista um aumento nos índices de absenteísmo, com atestados médicos, afastamentos do trabalho e queixas relativas à saúde mental dos trabalhadores. A partir desta convocação/provocação começamos a pensar em como poderíamos contribuir com uma realidade tão complexa, tendo em vista as falas que começaram a chegar até nos, por meio das várias reuniões que realizamos com a instituição para a construção do projeto. Essas falas se uniam com a complexidade do próprio hospital, que possui mais de 2 mil trabalhadores, de diferentes vínculos empregatícios (terceirizados, com contratos celetistas e estatutários).

Diante desse contexto, utilizando o referencial teórico da Ergologia, buscamos construir junto com trabalhadores/as, alternativas de análise e intervenção na relação que a atividade de trabalho dos profissionais da saúde mant m com a saúde dos trabalhadores. A Ergologia propõe compreender as atividades laborais colocando em dial tica os saberes constituídos e saberes investidos, buscando identificar como o trabalhador se relaciona com o seu meio e com as tarefas que realiza. Essa compreensão evidencia a importância da participação do/a trabalhador/a em seu próprio trabalho, sem excluir a influência das condições materiais para a sua saúde (Trinquet, 2012).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

O Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P) norteia as nossas intervenções e se baseia no confronto e na interação entre três pólos distintos. O polo I representa o conhecimento formal e disciplinar, proveniente de fontes científicas e técnicas, enquanto o polo II refere-se aos saberes práticos e vivenciais adquiridos no contexto das atividades laborais. Essa interação é impulsionada por uma exigência filosófica, representada pelo polo III, que promove a interseção entre os dois primeiros. O resultado desse diálogo é a renovação dos saberes, direcionando-os para a transformação dos modos de vida. Esse processo ocorre dentro de uma perspectiva ética e epistemológica (Brito; Aranha, 2011; Botechia; Athayde, 2007; Schwartz, 2002; Schwartz; Duc; Durrive, 2010; Trinquet, 2012).

Acreditamos que tais ações são relevantes na medida em que nos auxiliam a formar multiplicadores com o intuito de consolidar as ações intersetoriais em Saúde do Trabalhador, possibilitando ainda a construção de conhecimento na área de Saúde Mental e Trabalho. Principalmente, quando partimos do pressuposto da ergoformação, que se constitui, segundo Schwartz e Durrive (2021), em uma forma de apreender a vivência no trabalho e problematizar a partir de questionamentos, elementos para progredir, de modo que os próprios trabalhadores consigam construir um novo olhar acerca das suas atividades.

Como nos afirmam Schwartz e Durrive (2021, p. 313) “esse exercício é extremamente formador, dado que ele nos ensina a observar e a escutar, a atividade é colocada no centro do debate e nós aprendemos a analisá-la juntos”. Assim, gera-se a aquisição de novos saberes, que consiste como uma chave para produção de saúde mental no trabalho.

Além de reafirmar a saúde enquanto um direito dos/as trabalhadores/as, a realização deste projeto de extensão também foi concebida com base nas



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

demandas identificadas em ações de estágio e pesquisas desenvolvidas na área da saúde do trabalhador e com profissionais da saúde. Desse modo, as ações de extensão se apresentam como uma forma de articulação entre teoria, pesquisa e prática, além de contribuir com a transformação social. Segundo Mendes et. al (2016), os resultados desta inter-relação entre teoria, pesquisa e prática, se ordenam não apenas com a estruturação do conhecimento dos sujeitos no exercício do trabalho e suas subjetividades, mas também engrandecem o conhecimento e abstração dos extensionistas implicados, que modificam e são modificados pela ação. Além de contribuir para a mobilização dos coletivos de trabalhadores em prol de melhores condições de trabalho.

MÉTODO

O projeto está sendo realizado em um Hospital Universitário localizado em uma capital do nordeste brasileiro, e tem como público-alvo todos os trabalhadores/as do hospital abarcando diversos setores e diferentes categorias profissionais com diferentes tipos de vínculo contratuais (estatutários, celetistas e terceirizados). As ações que serão descritas neste artigo correspondem a um recorte do que já realizamos no período de 1 ano e 8 meses, ou seja, desde que iniciamos (2022). A equipe do projeto é composta por professores, psicólogos, alunos de pós-graduação e de graduação em Psicologia.

Retomando o fato de que, como já sinalizamos na introdução, fomos convidados pela instituição para contribuir com ações em saúde do trabalhador, precisamos situar que o projeto não nasce apenas a partir das nossas ideias, mas ele surgiu alinhado com as conversas que tivemos com profissionais do próprio hospital. O projeto foi nomeado de *Acolhe HU*, nome que foi escolhido em conjunto com a equipe interdisciplinar de saúde ocupacional e psicólogos



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

da área de gestão de pessoas e da assistência. Tais profissionais foram se somando na perspectiva de construção das nossas ações, o que também foi importante para compreendermos as especificidades daquela organização.

Considerando a nossa perspectiva ergológica foi necessário escutar a equipe do hospital, em virtude dos vários relatos que esses profissionais nos traziam de sofrimento psíquico, atestados em adoecimento mental, ausências recorrentes ao trabalho, situações de assédio moral, além de conflitos em alguns setores. Inclusive, o caso de um trabalhador que tinha cometido suicídio no contexto de trabalho, mobilizando os/as trabalhadores/as da unidade de saúde ocupacional, que estavam preocupados em prevenir que tais casos voltassem a ocorrer.

Partindo dessa premissa ergológica, que nos é muito cara, a primeira ação realizada em nossa extensão foi uma pesquisa diagnóstica em saúde mental e trabalho, com o objetivo de conhecer o contexto do hospital, compreender as demandas dos/as profissionais e pautar as futuras ações do projeto. Decidimos por uma pesquisa inicialmente porque precisávamos construir um canal imediato de comunicação com os trabalhadores, para que eles pudessem nos dizer o que estavam sentindo e tivéssemos pistas de quais caminhos percorrer. Foi preciso compreender a demanda dos trabalhadores e trabalhadoras, para além da problemática do suicídio. A pesquisa foi amplamente divulgada pela equipe de forma presencial nos setores do hospital e virtual através de grupos de aplicativos de mensagens dos profissionais, assim pode ser respondida de forma *online*, por meio de um formulário, ou presencialmente, ambos de maneira anônima.

A equipe construiu um instrumento composto por um total de 21 itens de múltipla escolha e dissertativos, que versaram sobre: (a) características sociodemográficas, (b) vínculo empregatício, (c) condições de trabalho, (d)



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

saúde mental, (e) vivência de violências no trabalho e (f) sugestões dos profissionais sobre ações de promoção à saúde dos trabalhadores. O formulário foi construído pelo grupo do projeto após reuniões e permaneceu aberto para respostas por cerca de seis semanas, ao mesmo tempo, presencialmente, os integrantes do grupo circulavam pelos setores do Hospital Universitário com formulários impressos abordando os profissionais, divulgando o projeto e reforçando a importância das suas respostas para construção de ações efetivas.

Contudo, a despeito da nossa divulgação, não foi fácil conseguirmos adesão dos trabalhadores à pesquisa. Nas caminhadas que fazíamos no hospital em busca de respostas, muitos aparentavam desconfiança; outros incredulidade e desesperança com os desdobramentos da mesma. Tivemos, realmente, que ir construindo um vínculo de confiança com eles, e ir trazendo as possibilidades de encaminhamentos que seriam tomados a partir das respostas deles.

A partir dos resultados da pesquisa, uma formação sobre saúde mental e trabalho foi realizada, com carga horária de 20 horas, oferecida nas modalidades presencial ou remota de forma síncrona, com 30 vagas, respectivamente, para todos os trabalhadores e trabalhadoras com interesse em participar. A princípio, essa formação era voltada aos gestores, pois pensamos em começar a mobilizar as lideranças em torno das temáticas. Contudo, percebemos que não iríamos conseguir mobilização dos gestores para participar. Eles sempre nos colocavam muitos impedimentos à participação, dentre eles o excesso de trabalho e de reuniões. Então, avaliamos que seria pertinente ampliar o acesso à formação para todos os trabalhadores e trabalhadoras, de modo promover maior aproximação, confiança e construção de vínculos.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

A formação aconteceu durante cinco meses, com periodicidade mensal, da seguinte forma: Módulos 1 e 2: Saúde do Trabalhador e Saúde Mental e Trabalho; Módulo 3: Quadros Clínicos de Saúde Mental e Trabalho; Módulo 4: Ferramentas para atuação em Saúde Mental; e Módulo 5: Apresentação de projetos para intervenção em saúde mental e trabalho no HU. Os encontros, que aconteceriam de forma híbrida, migraram paulatinamente para o formato remoto. Isso porque os próprios trabalhadores foram demonstrando preferência por este formato e, em termos de logística, ficava mais adequado o acompanhamento de todos. Como não tínhamos sala específica para o formato híbrido, havia dificuldade de interação com quem não estava fisicamente presente.

Os assuntos e as atividades que constituíram o curso foram elaborados pelos extensionistas e coordenadoras do projeto, partindo do princípio das demandas e temáticas obtidas através da pesquisa diagnóstica e com o intuito de desmistificar o adoecimento mental e incentivar o cuidado em saúde mental. Apesar de termos denominado como curso, com a finalidade de ser algo atrativo para os trabalhadores (comprovação de presença e emissão de certificados), organizamos os encontros respaldados na perspectiva da ergoformação. Não queríamos que fosse um momento de transferência de saberes acadêmicos, mas sim, uma oportunidade de instalarmos espaços de diálogo sobre o tema. Para a ergoformação, a aprendizagem é uma das possibilidades que são oferecidas às pessoas, “procurar conhecer não se faz senão com o movimento de saúde que leva cada um de nós a viver. O esforço de viver é solidário com o esforço de conhecer” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 153).

Após a conclusão do curso, compreendemos que, em virtude desse esfacelamento das relações sociais no trabalho, algumas pessoas não se



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

sentiriam à vontade com o coletivo ainda e, para além disso, começamos a perceber uma série de demandas de sofrimento psíquico que não estavam tendo encaminhamento adequado, pois, dentro do hospital, não havia espaços de escuta para os trabalhadores. Percebemos então, a necessidade de construir tais espaços, e, passamos a oferecer acolhimentos e escutas psicológicas para os trabalhadores e trabalhadoras com demandas relacionadas à saúde mental.

Nos colocamos então, a problematizar e pensar em grupo como seriam esses espaços, de modo a não cairmos na armadilha de focarmos apenas no indivíduo, e perdermos de vista o foco do coletivo e da organização. Além disso, construir uma escuta pautada na Psicologia do Trabalho, buscando diferenciar esta escuta, da psicoterapia e da psicologia clínica, inclusive para não criarmos entre os trabalhadores falsas expectativas e frustrações.

Para iniciarmos os acolhimentos, passamos por uma fase de preparação da própria equipe, de buscas de referenciais na literatura científica que pudessem alicerçar a nossa prática, no entanto, houve dificuldade para encontrar materiais com tais delimitações. Nos respaldamos então, nos pressupostos da escuta qualificada, da importância que as clínicas do trabalho conferem à palavra. Dejours (2011) afirma que é a partir do acesso que o trabalhador nos dá à sua subjetividade, por meio da palavra, que podemos chegar à inteligibilidade no que ainda não estava acessível, muitas vezes, nem para o próprio trabalhador. Schwartz e Durrive (2016) ressaltam que a conversação nada tem de improvisado. Não se trata de simplesmente deixar alguém falar. A escuta, no sentido ergológico, é guiada por uma preocupação precisa, que vai “canalizar o fluxo das palavras: é aproximar a atividade, colocar em palavras os julgamentos de uma pessoa, o que supõe reconstituir com ela as situações que foi levada a escolher” (Schwartz; Durrive, 2016, p.

212).

Nesse sentido, pensando que nossa atividade também é de permanente formação, em alguns momentos, precisamos colocar em ação o atravessamento de conteúdos oferecidos em outras perspectivas da psicologia e saúde mental, como, por exemplo, quando precisamos buscar uma formação sobre a manejo com pessoas que relatavam pensamentos suicidas.

Os acolhimentos foram oferecidos em dois dias da semana em turnos diferentes, em sala disponibilizada dentro do hospital, cedida pelo setor da Psicologia, realizados por demanda espontânea, inicialmente sem a necessidade de agendamento prévio, a fim de desburocratizar e facilitar o acesso. No decorrer dos atendimentos, fomos dialogando com os próprios trabalhadores, no intuito de encontrar estratégias para alcançá-los por meio desta ação. Nestes diálogos surgiu a necessidade do agendamento dos acolhimentos, possibilitando ao trabalhador e a equipe melhor organização e maior participação dos trabalhadores. No momento do acolhimento, era informado que o serviço não se tratava de psicoterapia e era acordado que a depender de cada demanda, o trabalhador teria uma média de até quatro acolhimentos. Estabelecemos esse limite levando em consideração um tempo que, nem ficasse pontual demais, de modo que não conseguíssemos avançar com as demandas trazidas, ou muito extenso, que terminasse confundindo os objetivos iniciais do projeto.

Também foram iniciadas oficinas quinzenais em alguns setores, a partir da metodologia dos Encontros sobre o Trabalho proporcionando momentos coletivos de diálogos sobre saúde mental e trabalho, a princípio, em quatro setores do hospital. As supervisões semanais auxiliaram na construção das atividades e elaboração de temas e recursos específicos para cada setor, haja vista que os setores que participaram dessa ação realizavam atividades de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

trabalho diferentes, além de estarem vivenciando realidades bem diferentes a partir dos seus trabalhos.

Por fim, desenvolvemos também ações denominadas “Atividades Itinerantes” em que a equipe realizou caminhadas pelo hospital ou atividades no hall de entrada, com fins de dialogar com os trabalhadores em seus próprios setores, ou quando estavam se deslocando dentro do hospital. As atividades mobilizadoras foram definidas a partir das temáticas a serem discutidas, sendo essas temáticas construídas a partir do trabalho real. Desse modo, foram desenvolvidos os seguintes temas: (1) saúde mental e trabalho; (2) Abril Verde (mês de sensibilização para saúde e segurança no trabalho); (3) valorização e reconhecimento no trabalho; (4) riscos no trabalho; (5) Setembro Amarelo (mês de prevenção ao suicídio). Era comum, nessas caminhadas, os trabalhadores reconhecerem a equipe do projeto, se mobilizarem, conversando e trazendo as demandas dos seus setores de trabalho. Em alguns momentos, a passagem por um setor se transforma logo ali, em um encontro coletivo, acontecendo na copa, na enfermaria, em salas de repouso dos profissionais. Fomos compreendendo que, para a psicologia do trabalho acontecer, precisávamos, como afirma Re et al. (2021), estar cada vez mais próximos dos trabalhadores, e fomos nos desafiando, a desenvolver atividades para eles em locais que seriam pouco usuais, com tempo limitado e mesmo com algumas intercorrências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos aqui organizar alguns dos resultados que obtivemos a partir das ações descritas no tópico anterior. Contudo, ressaltamos que não conseguiremos relatar neste artigo a totalidade do vivido nas intervenções, uma



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

vez que o real sempre escapa à nossa capacidade de sistematização. Apesar disso, a seguir, discutiremos as principais ações foram e vem sendo desenvolvidas com o projeto *Acolhe HU*.

I) Pesquisa Diagnóstica

A primeira fase do projeto de extensão correspondeu a uma pesquisa diagnóstica na organização com objetivo de compreender a realidade dos trabalhadores e, a partir dele, orientar as ações subsequentes. Desse modo, a pesquisa orientou o planejamento e a execução das atividades, garantindo que elas fossem direcionadas às áreas de maior impacto e relevância para os/as trabalhadores/as. Para fins deste artigo, não detalharemos os índices dos resultados, pois a pesquisa foi realizada para fins de aproximação com a realidade dos trabalhadores, não tendo como objetivo ser uma pesquisa acadêmica, com compartilhamento de dados. Inclusive, esse foi um dos argumentos que utilizamos junto à gestão do hospital e junto aos próprios trabalhadores, para que respondessem à pesquisa.

A partir da observação dos resultados preliminares obtidos durante a coleta da pesquisa, e considerando também o relato dos trabalhadores nos ambientes de trabalho, buscamos construir com os mesmos, espaços de discussão sobre a relação entre trabalho e saúde mental, estimulando o compartilhamento nos seus setores de trabalho. Desse modo, concomitante à etapa final da coleta da pesquisa diagnóstica, a equipe iniciou a execução da segunda ação do projeto que consistiu na oferta de um curso de formação sobre saúde mental e trabalho com certificação, que detalhamos a seguir.

II) Formação em Saúde Mental e Trabalho



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

A formação sobre Saúde Mental e Trabalho foi oferecida a 60 trabalhadores e trabalhadoras de 30 setores diferentes do Hospital Universitário. Essa ação resultou tanto em momentos de reflexão e discussão sobre a relação que o contexto de trabalho pode ter na saúde dos profissionais, como também suscitou a proposição de ações de promoção, prevenção e vigilância em saúde do trabalhador, convocando os trabalhadores a pensarem juntos sobre como os conteúdos abordados no curso poderiam ser relacionados com seus setores e com suas vivências de trabalho no hospital.

Nesse sentido, a Ergologia se constitui como um projeto de “melhor conhecer e, sobretudo, melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las” (Schwartz; Durrive, 2007, p. 37). Por isso, como atividade de fechamento do curso, os trabalhadores foram divididos em subgrupos e acompanhados por extensionistas para desenvolverem um plano de intervenção com os assuntos abordados no curso para seus setores de trabalho. Foi um primeiro momento em que buscamos que eles lançassem um olhar de análise sobre o próprio trabalho, a fim de pensarmos e discutirmos sobre elementos dos coletivos e das organizações que estavam impactando na saúde deles.

O dia em que realizamos a discussão dos planos construídos por eles foi muito enigmático. Alguns grupos estavam resistentes em apresentar suas propostas, pois tinham medo de se expor diante de outros trabalhadores. Eles nos procuraram de forma privada para expor suas preocupações. Como eram pessoas de diferentes setores do hospital, os vínculos de confiança não estavam tão bem estabelecidos. Por mais que sempre retomássemos com o grupo a importância do sigilo e daquele momento ser um espaço seguro, havia ainda resistências, que eram perfeitamente compreensíveis. E compreendemos suas questões. Alguns de fato não quiseram falar publicamente. Outros viram



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

naquele espaço, um momento de desabafo, de diálogo, de possibilidades de construção, e foi extremamente mobilizador. Aquela formação, portanto, nos proporcionou o fortalecimento dos laços do projeto com os trabalhadores e nos deu várias pistas de setores e temáticas difíceis, mas que precisaríamos enfrentar.

Partindo das discussões dos encontros e dos planos de ação desenvolvidos pelos grupos de trabalhadores, identificamos que o espaço formativo foi efetivo em sua proposta e reafirmou a potência da vivência do trabalho em suas particularidades e complexidades na construção de alternativas. A propósito, a ação reafirma que os trabalhadores não estão alheios aos atravessamentos do trabalho na saúde, seja ele enquanto promotor do desenvolvimento, seja enquanto limitador da saúde, o que foi possível observar é que lhes faltavam espaços para que os seus saberes investidos no trabalho fossem acolhidos, reconhecidos e ganhassem repercussões em práticas institucionalizadas.

Além disso, os encontros também possibilitaram uma melhor aproximação da equipe de extensão com os/as trabalhadores/as tendo em vista a construção de uma relação de identificação e confiança com o projeto que estava iniciando no hospital. Da mesma forma, permitiu uma melhor compreensão por parte da equipe de extensão e do grupo de participantes sobre o contexto em que as atividades de trabalho eram desenvolvidas e as demandas mais evidentes, que eram comuns a diferentes setores e categorias profissionais, as quais podem ser destacadas: as lacunas na comunicação intersetorial e intrasetorial da instituição, os aspectos ergonômicos do ambiente de trabalho que contribuíam para a intensificação do estresse e sobrecarga de trabalho, a fragilização dos coletivos de trabalho na assistência à saúde e a necessidade de espaços para acolhimento à demandas de saúde mental dos profissionais, tanto a nível



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

individual como coletivamente.

No decorrer das aulas do curso foi observado que o envolvimento dos/as profissionais foi mais ativo na modalidade presencial comparado aos participantes da modalidade remota. Também foi identificado e relatado como empecilho para a participação e conclusão do curso a dificuldade de saírem da atividade de trabalho no horário em que os encontros estavam marcados e a variação nas jornadas de trabalho de alguns profissionais da saúde, com destaque para a realização de plantões, atividade comum entre trabalhadores da saúde.

Tendo em vista o critério acordado com o grupo para a certificação, 20 profissionais conseguiram concluir o curso. Contudo, enfatizamos que o curso não teve como objetivo final apenas oferecer a certificação, mas sim mobilizar a reflexão sobre as possibilidades de saúde no trabalho para si e para o coletivo, como um convite à renormalização (Schwartz, 2010).

Observamos por meio dos diálogos, que os trabalhadores não são meros executantes de normas, de outro modo, denota as dramáticas dos trabalhadores em relação aos aspectos imprevistos da atividade de trabalho que não são abarcados pelas normas antecedentes e que convocam os trabalhadores a fazerem escolhas (Schwartz, 2010). Dessa forma, as propostas estão relacionadas a uma dimensão pouco considerada pela organização ou que sequer quis ser conhecida, que é a dimensão do trabalho como experiência e ao reconhecimento dos saberes investidos pelos trabalhadores. Assim, a atividade final favoreceu a possibilidade de renormalizar as situações negligenciadas pela organização e que, segundo os trabalhadores, eram produtoras de sofrimento.

Do mesmo modo, a ação permitiu serem estudados e debatidos o compartilhamento dos saberes investidos por esses trabalhadores para lidarem



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

com as situações imprevistas, indicando assim direções nas quais à organização, os coletivos de trabalho e cada trabalhador poderia renormalizar para favorecer a saúde no trabalho. Posteriormente, a equipe do projeto (docentes e estudantes) realizou uma reunião de devolutiva com os gestores do hospital sobre os resultados desta ação, visando sensibilizá-los e demonstrar a relevância dos aspectos indicados pelos profissionais, além de buscar ampliação dos espaços seguros através do respaldo institucional para a participação do trabalhador no desenvolvimento das ações de saúde e segurança no hospital.

Com essa ação ressaltamos a importância dos espaços formativos com os/as trabalhadores/as para o planejamento de intervenções condizentes com a realidade de quem conhece a atividade de trabalho, bem como o desenvolvimento de ações de prevenção aos agravos na saúde dos/as trabalhadores/as considerando, sobretudo, as condições que são oferecidas para que estes participem efetivamente desses momentos e quais os destinos que são dados aos produtos destes encontros por parte da organização. Para Schwartz e Durrive (2016), a ergoformação possibilita aos trabalhadores criar novos quadros normativos para as existências já organizadas por normas, e que vão colocar em debate o novo e o antigo, propondo renormalizações, pois como afirmam os autores, “a vida ultrapassa sempre os quadros através dos quais se desejaria poder antecipá-la” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 185).

A produção de saúde no trabalho também passa por esses encontros entre as normas antecedentes do trabalho e o que está posto pela organização, e as escolhas e debates a partir dos mesmos. “Saúde necessária à gestão do irreduzível distanciamento entre as normas e o fazer” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 76). Quando não é possibilitado a quem trabalha, construir e renormalizar, quando não há espaços para a confiança e para a ação coletiva,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

para a troca de saberes e também da própria vida, o trabalho pode ser um lugar de adoecimento, e para cuidar desse ser que sofre, é preciso escutá-lo e acolhe-lo.

III) Acolhimentos

A partir da existência de demandas de trabalhadores/as em sofrimento mental e que necessitavam de um espaço de escuta, concomitante aos encontros coletivos, começamos a realizar os acolhimentos de caráter individual. A escuta dos trabalhadores se constituiu como um espaço seguro de elaboração dos sofrimentos que atravessam a vida dos trabalhadores bem como das repercussões no trabalho, na vida social e familiar dos profissionais, compreendendo como a organização e os aspectos psicossociais do trabalho contribuem para o favorecimento da saúde ou intensificação do sofrimento.

O espaço de escuta possibilitou, até o momento, o acolhimento da demanda de 40 trabalhadores do hospital que buscaram escuta por demanda espontânea ou por meio de agendamento prévio. Além dessa escuta realizada em espaço reservado (sala no setor de Psicologia), também fazíamos escuta de trabalhadores nas atividades itinerantes pelos setores do hospital. Todos os acolhimentos e escutas psicológicas são mantidas sob o sigilo e ética profissional resguardando a confidencialidade dos/as trabalhadores/as, compreendendo de forma integral a saúde destes, não se restringindo apenas às demandas relacionadas ao trabalho.

A escuta dos trabalhadores abriu possibilidade de acessar a dimensão do real do trabalho e a construção de estratégias na direção da produção de saúde do trabalhador. Nos atendimentos foram trazidas pelos/as trabalhadores/as questões relativas ao assédio moral no trabalho, ao



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

individualismo e falta de cooperação por parte dos coletivos, ao suicídio relacionado ao trabalho, a questão de gênero, diversidade e trabalho, bem como as dificuldades da dupla jornada das trabalhadoras relativas ao trabalho doméstico.

Dessa forma, os trabalhadores passavam não só a recuperar a capacidade de pensar sobre o sofrimento no trabalho, mas também dar nome às suas angústias e identificar as relações que elas mantêm com o coletivo de trabalho e a organização, fator fundamental para potencializar transformações.

Foi recorrente também o fato de os trabalhadores chegarem a agendar o acolhimento a partir do incentivo de colegas de trabalho. Por isso, a importância de termos trabalhado anteriormente com todos, para que pudessem enxergar nos colegas também os sinais e/ou sintomas de sofrimento psíquico. Esse momento de acolhimento oferecido pelo projeto tem funcionado também como um espaço de orientações relacionadas aos casos de adoecimento, afastamento, preconceitos ou assédio dentro da organização. Para Schwartz e Durrive (2016), o diálogo intencional com o trabalhador, proporciona “a deliberação de cada um consigo mesmo, e com os outros, a fim de responder às injunções exteriores” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 216). Desse modo, ele é constitutivo de um lugar original que o indivíduo se dá num determinado meio.

Gómez et al. (2016) ressalta a importância da fala e escuta clínica dos trabalhadores como uma postura crítica às formas de gestão atual que impedem a expressão dos sentimentos e sofrimentos no trabalho sobre o medo de retaliação produzindo o silenciamento dos traumas vivenciados no trabalho e consequentemente instaurando a emergência de patologias sociais. De acordo com essas autoras, a fala tem o poder de desbanalizar as violências vivenciadas nas relações de trabalho e permite a elaboração das experiências



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

traumáticas tecendo relações com o laço social.

Os acolhimentos realizados com os trabalhadores, são discutidos por meio das supervisões com docentes do projeto, e nesses momentos são pensados coletivamente os direcionamentos para circunscrever o lugar da atividade de trabalho nesses processos de acolhimento, reconhecendo as estratégias utilizadas pelos trabalhadores e fortalecendo o lugar dele no coletivo. Além disso, a partir do espaço dos acolhimentos, são articuladas as possibilidades de cuidado possíveis ao hospital, a avaliação de intervenções coletivas nos setores (respeitando o sigilo das pessoas atendidas) e, sempre que necessário, o encaminhamento para a rede de assistência, onde os profissionais poderiam acessar serviços mais específicos e adequados às suas necessidades.

Segundo relatos dos próprios trabalhadores, dois fatores contribuíram para que os trabalhadores procurassem o acolhimento oferecido pelo projeto: (1) a falta de tempo para procurar atendimento psicológico fora do horário de trabalho, tendo em vista as múltiplas jornadas de trabalho; e (2) limitações financeiras. Esse segundo fator nos leva a refletir, mais uma vez, sobre a acessibilidade da Psicologia à sociedade de modo geral.

O acolhimento também teve a função de desmistificar os preconceitos e estigmas dos trabalhadores em relação a saúde mental e ao adoecimento, pois o momento de escuta psicológica serviu como espaço de reflexão sobre os acontecimentos que atravessam a vida, o trabalho e também a indissociabilidade entre saúde física e saúde mental. Ademais, não é necessário que o/a trabalhador/a interessado/a esteja em sofrimento psíquico grave para requerer o acolhimento e escuta. Contudo, os casos atendidos no acolhimento revelam situações preocupantes de saúde mental, o que pode significar que as pessoas demoram a procurar atendimento psicológico.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

IV) Encontros sobre o Trabalho

Os Encontros sobre o Trabalho (EST) possibilitam, a partir do ponto de vista da atividade, o debate com circulação dialógica entre trabalhadores que possuem processos de trabalho similares (Masson; Gomes; Brito, 2015). Nesse sentido, observamos que esses momentos emergiram como uma ação de grande impacto no projeto, visando estimular o debate, a reflexão e o aprimoramento das atividades laborais.

Para articular os EST (que chamamos de oficinas para os trabalhadores, tendo em vista a maior familiaridade deles com o nome), a equipe entrou em contato com os gestores de cada setor, a fim de determinar o momento mais adequado para sua realização. Esses setores foram escolhidos a princípio, partindo das nossas atividades itinerantes, da pesquisa diagnóstica e de diálogos com a equipe de saúde ocupacional do hospital.

Nesse contexto, os grupos foram subdivididos, visando a construção de um vínculo com os trabalhadores, para tal, foi dada prioridade à presença contínua dos mesmos extensionistas nos setores escolhidos. Os locais de realização dos encontros variavam de acordo com a disponibilidade de cada setor, evidenciando-se, a heterogeneidade presente no hospital. Setores dedicados à assistência apresentavam uma dinâmica de maior intensidade e agitação no contexto de trabalho, frequentemente interrompendo as conversas; em contraste, setores de natureza administrativa ou laboratorial demonstravam maior estabilidade, com equipes mais disponíveis, ainda que mais subdivididas.

Do mesmo modo, as primeiras “oficinas” realizadas focaram na discussão sobre o sentido do trabalho para os profissionais envolvidos. Um desses encontros envolveu a passagem de uma caixa entre os presentes, contendo a palavra "trabalho" registrada em seu interior. Após abrir, cada



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

participante foi convidado a expressar, sem mencionar a palavra, suas percepções sobre o significado do termo para si, e então, passar a caixa adiante. Através dessas atividades disparadoras, de reflexões individuais e discussões em grupo, os trabalhadores foram instigados a ponderar sobre a relevância do trabalho em suas vidas, os significados atribuídos a ele, bem como os impactos em sua motivação, satisfação e engajamento em suas respectivas atividades.

Com o intuito de contribuir para esse propósito, algumas das oficinas foram direcionadas à exploração da importância do fortalecimento dos coletivos de trabalho e da cooperação. Desse modo, utilizando recursos visuais como impressões em formato de tijolos, cartolina, canetas e uma rede de crochê (feita por uma de nossas extensionistas), os profissionais foram mobilizados a um debate sobre seus coletivos de trabalho. O enfoque foi, portanto, na promoção de uma cooperação eficaz no ambiente de trabalho, destacando a importância do trabalho em equipe, da definição clara de papéis e responsabilidades, e da colaboração para alcançar objetivos compartilhados.

Também trabalhamos a importância da valorização do trabalho do outro, assim como a compreensão sobre os processos de trabalho e suas implicações para a saúde dos trabalhadores. Em um dos setores, por exemplo, surgiu uma demanda voltada à relação deles com os usuários do setor, que tratavam os trabalhadores com desconsideração e falta de respeito, o que repercutia diretamente na saúde mental. Nesse setor, especificamente, em um dos encontros, levamos envelopes e papéis, para que escrevessem o que gostariam de dizer aos usuários que lá chegassem. Foi um momento importante, em que pudemos discutir os sentimentos e valores deles atravessados pelos usuários, que funcionavam mais como um fator de sofrimento do que como de reconhecimento do trabalho. Nesse sentido, foi



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

necessário também construir estratégias coletivas diante dessas situações, por meio de atravessamentos de valores e construção de novas normas.

Os espaços coletivos implementados durante a realização do projeto têm tido um impacto significativo e transformador para cada trabalhador envolvido. Ao longo do processo, tem-se tornado clara a necessidade de possibilitar um ambiente propício à escuta, onde os profissionais possam dialogar e refletir sobre suas vivências diárias no cotidiano de trabalho. Em alguns setores, foi possível observar como a organização e o fortalecimento do coletivo desempenham um papel crucial na mobilização da saúde. Nesse sentido, mesmo diante dos desafios e adversidades, a coletividade se mostrou como um fator de fortalecimento, mantendo-os em suas atividades laborais com vigor e resistência.

Em diversos momentos, os trabalhadores compartilharam exemplos pessoais nos quais o apoio mútuo entre colegas se revelou como uma rede fundamental de suporte, mostrando, assim, que trabalhar não é apenas produzir. Tendo em vista que, para produzir, é necessário o atravessamento por um coletivo. Segundo Schwartz e Durrive (2016), cada trabalhador é mais ou menos dependente do outro, sejam eles conhecidos ou desconhecidos. Assim, pensar no que a ergologia chama de entidades coletivas relativamente pertinentes (ECRP), significa pensar que o coletivo é composto a partir de valores e exigências da atividade, “a liberdade de uma dependência, admitida e mantida em nome de uma escolha de viver e não simplesmente de ser” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 137).

V) Atividades Itinerantes

No decorrer dos meses de vigência do projeto de extensão, além das atividades fixas, foram realizadas ações itinerantes referentes a temas



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

transversais importantes para nossa atuação no hospital: Abril Verde, dedicado à prevenção e conscientização sobre adoecimento e acidentes de trabalho; Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio; e Dia do Servidor Público, comemorado em outubro. Essas foram atividades maiores, com temas específicos. Contudo, um pressuposto fundamental da nossa intervenção são as “caminhadas” pelo hospital, que nos permitem uma aproximação contínua dos trabalhadores. Geralmente, definimos um tema, ou uma pergunta mobilizadora, e nos dividimos pelo hospital, levando algum material, tais como folders, jornais, ou oficinas dinâmicas a serem desenvolvidas com eles, caso haja disponibilidade de alguns trabalhadores.

Uma das atividades, por exemplo, contou com a participação de um fisioterapeuta, especializado em doenças laborais, que realizou uma caminhada conjunta. Na oportunidade, visitamos muitos setores e falávamos sobre a importância de se atentar aos primeiros sinais de adoecimentos físicos no trabalho; dávamos instruções sobre algumas mudanças ergonômicas que poderiam ser realizadas nos postos de trabalho para prevenir o desenvolvimento de doenças; e o profissional da fisioterapia conduziu alguns alongamentos possíveis de serem inseridos no cotidiano de trabalho, com finalidade de retardar o aparecimento de Lesão por Esforço Repetitivo (LER) / Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT).

Nas atividades maiores, realizadas no hall de entrada do hospital, utilizamos ferramentas para promover a mediação e diálogo entre os trabalhadores que “estão de passagem”, tais como vídeos, quiz de perguntas, banners, cartilhas ou algum elemento que permita interação com os trabalhadores e entre eles. Uma das atividades que realizamos no evento “Abril Verde”, foi utilizar um jornal informativo contendo os riscos no trabalho, e simular um grande mapa de risco onde os trabalhadores identificassem a sua



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

percepção de riscos, pintando no mapa os riscos aos quais estão submetidos no trabalho. Nesse caso, conseguimos dialogar com eles sobre os riscos, assim como sobre as estratégias de intervenção perante esses riscos.

Percebemos que ser vistos e reconhecidos nos diversos setores por meio dessas ações foi essencial para a adesão dos profissionais nas atividades propostas, sensibilizando os trabalhadores para o acolhimento psicológico, mencionado anteriormente, uma vez que a procura aumentava depois das atividades itinerantes.

Partimos do entendimento de que as questões sobre saúde mental, dentro de um cotidiano acelerado e sobrecarregado, não encontram espaço propício para o diálogo, principalmente considerando fatores como o tempo limitado e o tabu de falar sobre esse assunto. Com essas iniciativas, tentamos transformar esses diálogos em algo mais dinâmico, sem que fosse necessário um momento individual, como o acolhimento, ou algo previamente agendado, como as oficinas. Demonstramos nosso interesse em ir até o trabalhador, abordá-los no local em que sua atividade acontece, não apenas aguardar que venham até nós. Partimos da premissa que a Psicologia do Trabalho deve estar onde o trabalhador está!

Compreendemos a importância de manter contato contínuo com os trabalhadores, valorizando o trabalho que realizam, assegurando-os de nosso compromisso e, aos poucos, diminuindo a resistência de se falar sobre a própria saúde. Por exemplo, alguns trabalhadores, ao chegarem até nós pela via do acolhimento, relatam sobre como já haviam visto a equipe no hospital em alguns momentos, e por isso, “criaram coragem” para buscar o acolhimento.

Em outro momento, ocupamos o hall de entrada do hospital para dialogar com os trabalhadores e pensar com eles sobre a relação entre o



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

trabalho e a saúde mental, entendendo seu protagonismo no processo de garantir saúde e nas transformações das situações de trabalho. Apesar de compreendermos que existem regras e protocolos a serem seguidos, na medida em que o trabalhador se coloca e deixa partes de si na atividade, é possível pensar formas de transformar o trabalho em um elemento que não seja apenas nocivo. É transformá-lo em algo que faça sentido para quem o realiza, pois o trabalho também é fonte de adoecimento ao desconsiderar as limitações físicas e psíquicas do/a trabalhador/a, impondo-lhes a anulação, ou o uso contrário aos seus valores e desejos, de sua subjetividade para que o sistema produtivo não seja prejudicado e as metas possam ser atingidas (Seligmann-Silva et al, 2010; Alvarez; Azevedo, 2016).

Uma outra atividade que foi desenvolvida foi a alusiva ao reconhecimento no trabalho. Passamos em momentos diversos no hospital com o que denominamos de “Urna do Reconhecimento”, solicitando aos trabalhadores e usuários do hospital que escrevessem mensagens para pessoas a quem desejassem agradecer ou destinar palavras de reconhecimento pelo trabalho realizado, podendo ser identificadas ou anônimas. Por compreendermos a importância do reconhecimento e da valorização para a saúde no trabalho, pensamos a ação com o objetivo de lembrar aos trabalhadores o valor e a importância de suas atividades, principalmente no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), percepção que se perde no cotidiano caótico, no qual, por vezes, há prevalência da sensação de desvalorização e invisibilidade.

Após esse momento, circulamos pela instituição distribuindo as mensagens de reconhecimento que apresentassem como destinatário um trabalhador ou setores específicos, bem como cópias de mensagens que não foram endereçadas individualmente, mas que traziam palavras de



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

agradecimento e valorização aos trabalhadores do hospital. Neste evento, ainda, projetamos um vídeo no qual usuários da instituição relatavam suas experiências enquanto pacientes da instituição e agradeciam o trabalho realizado pelos profissionais. Em ambas ações pudemos observar, novamente, a importância de receber reconhecimento pela atividade que realiza e como pequenas atitudes contribuem para reavivar os aspectos positivos do trabalho: para esses profissionais, estava relacionado à poder ajudar os usuários e sentir que fizeram a diferença em suas vidas.

Para Schwartz e Durrive (2016), os trabalhadores o tempo inteiro estão engajados em gerir as microvariabilidades nas suas atividades. Contudo, essa dimensão de usos de si, e usos de suas próprias experiências e do seu corpo, nesses processos, que muitas vezes são intensas, podem não ser valorizadas dentro do contexto do trabalho. O trabalho bem feito pode ser um valor sem dimensão, e não reconhecer, ou não possibilitar esse engajamento, traz sofrimento aos trabalhadores. “Viver exclusivamente para reproduzir não é viver” (Schwartz; Durrive, 2016, p. 29).

Abrir espaços para que os trabalhadores reconheçam entre si, e a partir dos usuários, a beleza dos seus trabalhos, reconhecer as astúcias e as recriações que os trabalhadores realizam a partir desses usos de si e dos outros, significa trazer de volta para o trabalhador a consciência de que o sentido do seu trabalho está para além da remuneração.

Nosso último momento com os trabalhadores consistiu em pensar caminhos para a saúde no ano seguinte. Montamos um banner com a ilustração de um caminho e solicitamos aos trabalhadores que escrevessem formas de construir e garantir a saúde no trabalho no novo ano que viria, tanto em relação à atividade em si, quanto relacionada aos coletivos de trabalho. Foi possível, portanto, planejar novas ações, considerando o que nos foi dito pelos



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

trabalhadores, e nos despedirmos da instituição naquele momento e ainda deixamos um marcador de página com a música Enquanto houver sol (composição: Sergio de Britto Alvares Affonso; interpretação: Titãs). Essa música trata das escolhas e possibilidades diante de caminhos diversos que a vida nos impõe. A mesma se mostrou pertinente com nossas perspectivas teóricas e posicionamentos metodológicos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

A execução das diversas ações desenvolvidas por meio do projeto de extensão “*Acolhe HU*”, aqui apresentadas, demonstram a relevância de intervenções voltadas para a Saúde do Trabalhador, sobretudo, quando acompanhadas das contribuições teóricas e metodológicas da Psicologia do Trabalho. Entendemos que intervenções dessa natureza possibilitam um olhar cuidadoso para os/as trabalhadores/as e suas vivências de sofrimentos, bem como podem possibilitar um planejamento efetivo de intervenções que colaboram para a melhoria da saúde mental no trabalho, sobretudo num hospital, lugar onde esse projeto tem sido desenvolvido.

Entendemos que o ambiente hospitalar é um espaço estressor, cercado por uma variação de contingências no âmbito institucional, de infraestrutura, de condições de trabalho e de coletivo de trabalho, o que exige demais dos/as trabalhadores/as dessas instituições. Nesse sentido, a condução do projeto, considerando tais processos, concretizou fases importantes na construção de uma proposta de intervenção que perpassou a investigação das demandas dos/as trabalhadores/as até a construção de espaços que possibilitaram (e tem possibilitado) a escuta, o debate e a reflexão, individual ou coletiva, numa perspectiva dialógica.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

De modo geral, percebemos que as ações foram significativas para os/as trabalhadores/as que participaram de cada atividade. Na caminhada pelos corredores, alguns já reconheciam os membros extensionistas que representam o projeto. Nessas caminhadas era comum ouvir falas animadas e gentis de cada trabalhador/a, como “*a gente precisa muito de vocês!*” e ver trabalhadoras de alguns setores emocionadas ao reconhecer a importância de seu próprio trabalho e do trabalho da/o colega, de perceber no outro um verdadeiro apoio e poder comunicar isso, desde suas angústias até momentos de grande alegria e sentido que encontrava no trabalho.

A execução do projeto ainda se encontra em andamento, com muitas atividades sendo desenvolvidas, sobretudo, no que se refere aos acolhimentos e aos Encontros sobre o Trabalho, e mesmo que não tenha finalizado, nos parece importante pontuar que o projeto desenvolveu aprendizados valiosos para a equipe extensionista, seja por meio dos debates em grupo, das supervisões, do planejamento de ações, das formações, das leituras e do apoio mútuo para a concretização do projeto. Nessa perspectiva, cabe ressaltar a importância de uma formação profissional dedicada à saúde dos trabalhadores/as, área que tanto necessita de políticas públicas e intervenções efetivas e, demarcando as potencialidades da atuação da psicologia do trabalho na saúde do trabalhador.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, D.; AZEVEDO, E. R. F. de. O trabalho feminino na função de limpeza de prestadoras de serviço em uma instituição de ensino superior. **Revista Vianna Sapiens**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 28, 2017. Disponível em: <https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/188>. Acesso em: 29 maio. 2024.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

BAPTISTA, P. C. P., LOURENÇÃO, D. C. D. A., SILVA-JUNIOR, J. S., CUNHA, A. A., & GALLASCH, C. H. Indicadores de sofrimento e prazer em trabalhadores de saúde na linha de frente da COVID-19. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, (30), 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1518-8345.5707.3555> Acesso em: 30 maio 2024.

BEZERRA, G. D.; SENA, A. S. R.; BRAGA, S. T.; DOS SANTOS, M. E. N.; CORREIA, L. F. R.; CLEMENTINO, K. M. de F.; CARNEIRO, Y. V. A.; PINHEIRO, W. R. O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Atual In: Derme**, [S. l.], v. 93, p. e-020012, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.31011/reaid-2020-v.93-n.0-art.758> . Acesso em: 29 maio 2024.

BOTECHIA, F.; ATHAYDE, M. Um regime de produção de saberes sobre o trabalhar e suas relações: a comunidade ampliada de pesquisa. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL**. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos, 2007. Disponível em:

http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_33.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2024.

BRITO, J. E.; ARANHA, A. V. S. A Construção Metodológica na Pesquisa Sobre Atividade de Trabalho a Partir da Abordagem Ergológica. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 20, ed. 1, p. 85-101, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8703> . Acesso em: 30 maio 2024.

DEJOURS, C. Texto Introdutorio: Psicopatología del trabajo – Psicodinámica del Trabajo. **Laboreal**, 7(1). 2011. Disponível em:

<https://doi.org/10.4000/laboreal.8030> Acesso em: 30 maio 2024.

GÓMEZ, V. A., MENDES, A. M., CHATELARD, D. S., & CARVALHO, I. S. A Palavra como laço social na clínica Psicodinâmica. **Contextos Clínicos**, 9(2), 253-264, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.92.10>. Acesso em: 30 maio 2024.

GONDIM, S. M. G.; SIMOES, A. C. A.; ANDRADE, R. S.; SILVA, P. A. R.; MEIRELES, F. S.; BRITO, J. T.; OLIVEIRA, E. R. A.; CUNHA, M. C. M.; ALENCAR, M. V. R.; SILVA, A. K. S.; MAXIMO, T.A.C.O.; TORRES, T.L. Profissionais de Saúde, Condições de Trabalho e Pandemia da Covid-19: Um Estudo no Contexto do SUS-Bahia. **Revista Psicologia e Saúde**, v.15, p.1 -



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

16, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v15i1.2498> Acesso em: 06 maio 2024.

MASSON, L. P., GOMES, L., & BRITO, J. Encontros sobre o trabalho: Reflexões sobre o uso desta ferramenta metodológica em pesquisas em Unidades de Tratamento Intensivo Neonatais. **Laboreal**, 11(1), 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/4021>. Acesso em: 30 abril 2024.

MÁXIMO, T.A.; TORRES, T.; LOPES, M.L.B; PEREIRA, A.J.S. A saúde dos trabalhadores da saúde durante a pandemia da covid-19: entre o prazer e sofrimento no trabalho. **Trabalho (En)Cena**, [S. I.], v. 8, n. Contínuo, p. e023020, 2023. DOI: 10.20873/2526-1487e023020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/16549>. Acesso em: 29 maio. 2024.

MENDES, R.; PEZZATO, L. M.; SACARDO, D. P.. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1737–1746, jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07392016> Acesso em: 20 de março 2024.

MONTEIRO, W. F., FERREIRA, D. S., LIMA, K. J. V., TAVARES, I. C., & RAMOS, F. R. S. A organização do trabalho em saúde à luz da ergologia: experiências na pandemia da COVID-19. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 57, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2022-0261pt>. Acesso em: 14 maio 2024.

RE, A.; MARRI, G.; BRIANTE, G.; ODDONE, I.; CHIATELLA, M.; GLÓRIA, S. **Ambiente de trabalho: A luta dos trabalhadores pela saúde**. São Paulo: Hucitec, 2021.

SCHWARTZ, Y. A Experiência é Formadora? **Educação & Realidade**, [S. I.], v.35, n.1, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11030>. Acesso em: 29 maio. 2024.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2007.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2016.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M.; DURRIVE, L. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. 131-148 p.

SELIGMANN-SILVA, E.; BERNARDO, M. H.; MAENO, M.; KATO, M. O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. **Rev. bras. Saúde ocup.**, São Paulo, v. 35, p. 187-191, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/WLqRPd87NwyFw5sq83tS6nM#>. Acesso em: 30 maio 2024.

SOUSA, L.; ALBUQUERQUE, J.M.; CUNHA, M; SANTOS, E. J. F. Psychological impact of COVID-19 on healthcare workers: prevalence systematic review. **Acta Paul Enferm**, v. 34, eAPE003775, Nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AR03775>. Acesso em: 29 maio. 2024.

SOUZA, D. O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, 19. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311>. Acesso em: 14 maio 2024.

TEIXEIRA, C. F. S., SOARES, C. M., SOUZA, E. A., LISBOA, E. S., PINTO, I. C. M., ANDRADE, L. R., & ESPIRIDIÃO, M. A. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3465–3474, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.19562020>. Acesso em: 19 abr. 2024.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 38e, p. 93–113, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i38e.8639753. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639753>. Acesso em: 29 maio. 2024.